

Museologia e cultura digital

Carmen Lucia Souza da Silva¹Rita Maia²Monique B. Magaldi³

DOI 10.26512/museologia.v10iEspecial.41278

O Dossiê Museologia e Cultura Digital tem como objetivo apresentar propostas, experiências e reflexões sobre os desdobramentos do impacto dos avanços da cultura digital, dos conteúdos tecnológicos sobre as práticas e investigações no campo dos museus e museologia.

Abrimos este dossiê com uma reflexão sobre o momento em que vivemos e a constatação de que chegamos a uma encruzilhada na museologia contemporânea onde as questões teóricas avançam *pari passu* às evoluções tecnológicas. No entanto, observamos que estes avanços não reverberam nos espaços museológicos de forma uníssona e harmônica.

Pode-se observar um desequilíbrio, ou desencontro entre os fundamentos teóricos da Museologia que foram impulsionados pela mesa de Santiago do Chile, pelos experimentos em ecomuseologia e a consolidação da teoria crítica no campo científico e as possibilidades de intermediação, mobilização e participação que os avanços das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) oferecem à este campo, em sua maioria imbuídas de um tecnicismo restrito aos processos endógenos no trato com as coleções ou à produção de estímulos sensoriais vazios de uma perspectiva institucional (ou museal) que provoca e potencializa o fenômeno transformador do fato museológico. Preocupa - nos, neste dossiê, apontar experiências e reflexões que busquem avançar e contribuir sobre este desafio.

Iniciamos este dossiê com o artigo “Perspectivas da sociedade da informação: abordagem cultural e cenários cotidianos”, da professora Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares, no qual a informação é apresentada no centro da sociedade contemporânea a partir das seis perspectivas de Frank Webster: econômica, espacial, ocupacional, tecnológica, cultural e do conhecimento. O trabalho contextualiza a perspectiva cultural da Sociedade da Informação, evidenciando os aspectos da vida cotidiana indiscutivelmente dependente da informação e do conhecimento, impactando no modo de viver. Trata-se de um trabalho que situa o leitor sobre o conceito de informação e sua importância, limites e pertinência na abordagem para pensarmos a museologia e os museus.

1 Professora associada atuando na graduação em Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS). Mestra em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Lyon 2 (França). Especialista em Poéticas Visuais: Gravura, Fotografia e Imagem Digital pela Universidade Feevale (RS). Email: carmensilva@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2487-1823>

2 Museóloga pela Universidade Federal da Bahia. Mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. É Professora Associada da Universidade Federal da Bahia, atuando no Bacharelado e no Programa de Pós-Graduação em Museologia.

3 Museóloga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio pela mesma universidade (PPG-PMUS/UniRio). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPG-Cinf/UnB). É professora adjunta do Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB).

No artigo “Interdisciplinaridade, colaboração e imersão: o design de uma experiência em realidade virtual com o objetivo de preservação da memória”, das autoras Andrea Lennhoff, Luiza Novaes e do autor Luiz Velho, é abordado o desenvolvimento da experiência de realidade virtual e sua posterior avaliação realizada por meio de pesquisa aplicada com a participação de 153 usuários, no âmbito do projeto V-Horus, uma reconstrução digital de artefatos arqueológicos em sua fase experimental, focada na reconstrução digital de uma das múmias da coleção egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro que foi destruída no incêndio ocorrido em 2018. Tal experimento possibilitou a visualização do acervo, a partir do uso de linguagens digitais, mas também as vantagens da avaliação como fator incondicional para o alcance da excelência destas no desenvolvimento destes produtos.

O trabalho “Teias Conectivas: Os usos das Tecnologias da Informação e Comunicação e os Museus na Construção na Cultura Digital”, de Valdir Jose Morigi e Rafael Teixeira Chaves, apresentam reflexões a partir da aplicação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos museus e no âmbito da Cultura digital. Estas teias conectivas, construídas a partir tecnologias digitais e das redes sociais, impactam fortemente nas formas de planejar e realizar a comunicação museológica, na relação entre os museus, em especial os museus virtuais, e os seus públicos, possibilitando o acesso às informações a partir de novas possibilidades de interação, corroborando a presença dos museus nas formas de pensar e existir no âmbito da cultura digital.

Em sintonia com este desafio o texto “Tecnologia e mediação interativa: uma perspectiva museológica contemporânea sistematizada na psicologia da educação”, de Marcelo Hugo Freitas da Silva e Priscilla Arigoni Coelho, traz uma visão sobre as formas como os espaços expositivos contribuem para os processos de aprendizagem, principalmente pelo entusiasmo e curiosidade que estes recursos geram público, sendo a interação o principal elemento a ser considerado na comunicação entre público e exposições. Para os autores esta nova demanda para a criação e o estudo de novas estratégias, participativas e inclusivas, aparecem em diálogo com o referencial teórico da psicologia da educação o que conclama a reinvenção nas formas de conceber os seus métodos utilizados nos espaços museológicos para dialogar com os novos e diversos tipos de público.

Outro desafio importante foi trazido à baila pela abordagem específica que o artigo “Fenômenos memorialísticos online em tempos de pandemia: entre o registro e a memorialização de um evento traumático”, de Daniele Borges Bezerra e Priscila Chagas Oliveira. As autoras também desafiam os profissionais do campo a refletir sobre o papel das interfaces digitais nas formas de construção da memória social e nos processos virtuais/atuais de memorialização e musealização, ressaltados no ano de 2020 no contexto da pandemia de covid-19. Este trabalho é um convite a repensarmos a nossa relação com o passado e aquilo que convencionamos e reconhecemos como patrimônio. Fica evidente, segundo as autoras, que as ações memorialísticas presentes nas redes sociais (potencializadas no período de isolamento social) expressam a transformação ou atualização desta perspectiva para o campo museal, transformando-se e reconfigurando-se como um dos elementos da cibercultura.

Em complemento, no texto “Curadoria digital: Novas perspectivas, novos patrimônios”, de Zamana Brisa e Heloisa Helena Costa, é apresentada uma reflexão sobre a relação entre museus e culturas digitais. As autoras abordam as conexões entre a Museologia e a ideia de virtual ao reforçarem, teori-

camente, a percepção de que as mudanças no contexto sociocultural também influenciam, de modo subjacente, às ideias ou noções em torno daquilo que é concebido como patrimônio, gerando novos sentidos e significados partilhados neste campo e, junto à isso, novas formas e manifestações de museus e de processos de musealização.

Nas conexões entre o Patrimônio e o Digital, Viviane Panelli Sarraf apresenta o artigo intitulado “Direito e acesso ao patrimônio cultural: reflexões sobre humanidades digitais no contexto dos museus e os novos desafios da Pandemia do Covid-19”, onde a autora discorre sobre esta temática em três etapas. Na primeira, ela discute a relação entre a Museologia e as Humanidades Digitais, enfatizando frentes de atuação, desafios e transformações em ambas as áreas, sob um enfoque interdisciplinar. Na segunda, é tratado o direito de acesso ao patrimônio cultural salvaguardado pelos museus através do recurso às tecnologias digitais, o que justifica a necessidade de desenvolver e estabelecer novos tipos de vínculos entre estas instituições e seus públicos e não públicos. Na terceira, enfatiza a problemática do direito ao patrimônio cultural para diferentes públicos no contexto da pandemia de Covid-19. A autora conclui ao defender que, mesmo diante de desafios, se faz urgente no contexto atual a necessidade de um maior avanço na criação de novas estratégias de diálogo com os públicos em nossos museus.

No bojo deste conjunto de reflexões, o texto “O Renascimento Digital de Leonardo da Vinci a Alan Turing”, de Jonathan Bowen e Tula Giannini, aponta uma perspectiva inusitada sobre o momento em que vivemos ao traçar um paralelo entre as personagens de Leonardo da Vinci e Alan Turing como polímatas destes momentos de disrupção onde a cultura criativa está profundamente atrelada à produção de conhecimento. Na reflexão desenvolvida em torno destas personalidades, os autores trazem à tona os desafios, a necessidade de esforços cognitivos radicais e inspiração criativa necessários para assimilarmos, manipularmos e atuarmos proativamente em tempos onde as inovações tecnológicas incidem profundamente sobre a nossa forma de pensar e fazer museus.

Em consonância, as transformações nas vivências dos museus e dos espaços de patrimônio afetados pelas tecnologias digitais são problematizadas por Carmen Lucia Souza da Silva e Ana Cláudia Melo, no artigo intitulado “Museus e patrimônio: pensamento cibertecnológico e cultura digital”. As autoras tratam, seja na ficção ou na ciência, sobre o desejo contínuo de expansão humana através das máquinas, propondo um debate acerca da inter-relação entre sujeito-tecnologia-sociedade, a partir de teóricos de diferentes campos, em uma abordagem interdisciplinar na qual se integram os estudos museológicos. Da cibernética ao ciborgue, do digital à cultura datacêntrica, as autoras apresentam reflexões que conectam aos marcos formativos ou históricos, no Brasil e no mundo, sobre experiências criativas cibertecnológicas de expansão de memórias e de imersão em ambientes interativos, desenvolvidos a partir de museus e espaços de patrimônio, inclusive em um contexto de pandemia da Covid-19. Elas finalizam o artigo propondo outros debates acerca das afetações que estes processos museológicos na Cultura Digital podem mobilizar em conexões com a sociedade, composta por subjetividades e por tensões de poder e resistência.

No artigo “Do patrimonium ao patrimônio digital 3.0”, Ana Lúcia Vieira e Carmen Lucia Souza da Silva tratam das transformações no conceito de patrimônio, desde sua origem latina até a reflexão sobre a constituição do Patrimônio Digital 3.0, em associação com a Web 3.0, marcada pelo algoritmo e pela busca semântica. Para isto, em uma abordagem interdisciplinar, rememoram

os debates sobre patrimônio para enfatizar as mudanças no termo, em sintonia com as transformações vividas na sociedade que atingem a dinâmica entre sujeito-tecnologia-patrimônio, utilizada para discutir as etapas do Patrimônio Digital em cada fase da internet. As autoras enfatizam a natureza heterosemântica do Patrimônio Digital 3.0, por estar afetado pelo ambiente heterotópico que se constituiria no ciberespaço.

O artigo “Museus no ciberespaço: as redes sociais como nova dinâmica do público digital”, de Helena Cunha de Uzeda, Lorhana Serpa Ribeiro Ferreira e Paulo César Ribeiro da Silva Jr, resultou de uma pesquisa sobre as interações e compartilhamentos realizados no Facebook entre o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, e o público da instituição no recorte temporal que incluiu o antes e o depois do fechamento do museu devido à Pandemia de Covid-19. As autoras e o autor apresentam questões que versam sobre os museus no século XXI, as tecnologias digitais, materialidades e virtualidades mobilizadas pela instituição.

Nas reflexões apresentadas no texto “Os museus virtuais e a pandemia do covid19: experiência do Museu da Pessoa”, de Rosali Henriques e Lucas Ferreira de Lara, são abordados os desafios apresentados aos museus pela pandemia de COVID-19, instituições que tiveram que promover ações, atividades, com “portas fechadas”. A autora e o autor ressaltam que as interações no ambiente virtual não foram algo novo para o Museu da Pessoa, um museu que se caracteriza pelo uso da Internet. Deste modo, a autora e o autor apresentam análises a partir da atuação do museu antes e durante a pandemia, destacando a campanha “Diário para o futuro”, que propõe realizar registros de memórias cotidianas para constituição de uma história colaborativa, vislumbrando um futuro pós- pandêmico.

Intitulado “Portas fechadas, janelas abertas: a experiência dos museus de Porto Alegre (RS) nos primeiros meses de isolamento social”, o artigo de Vanessa Barrozo Teixeira Aquino e Aline Vargas de Vargas não apenas identifica, mas analisa como instituições museológicas da capital gaúcha adaptaram suas rotinas diante da necessidade de fechamento motivado pela pandemia da Covid-19. Mais especificamente, as autoras problematizam as ações de comunicação museológica desenvolvidas e socializadas por estas instituições em redes sociais digitais como estratégia de manter o diálogo e a interação com os seus públicos. A abordagem em três partes destaca, ainda, aspectos da trajetória dos museus e suas transformações considerando a relação com o público, além da valorização do enfoque na área da comunicação neste processo.

As “Reflexões sobre musealização no contexto da cultura digital: considerações a partir do estudo de caso sobre o “Museu do Isolamento”, de Rayssa Silva e Júlia Moraes, discutem as transformações e complexidades museais partir do Museu do Isolamento, um museu criado na rede social Instagram. O referido museu nos suscita várias questões: ele seria uma instituição museal ou um processo museológico? Ele desenvolve ações de comunicação, preservação e pesquisa? Como podemos pensar a permanência dos museus e patrimônios no ambiente digital? Com isso, as autoras propõem perspectivas inusitadas que estimulam e provocam debates e novos desafios no campo da Museologia.

Mais adiante, gerado pelas inquietações que estas mudanças e novas experiências no campo da museologia estão atravessando, é apresentado o artigo “Exposições museológicas online: seu sentido e alguns desafios”, Rita Maia e Melissa Santos (in memoriam), onde as autoras buscam avaliar o impacto destas mudanças nas formas de musealização no contexto expositivo, através de uma

revisão bibliográfica sobre o planejamento e o design de exposições museológicas online. O foco do artigo é a busca por uma equalização entre os fundamentos teóricos da museologia contemporânea e a aplicação das TDIC nos museus. O texto ressalta a necessidade de que o uso e aplicação destas tecnologias seja norteado por uma trajetória teórica que reconheça o museu como espaço para o diálogo ativo, horizontal e enriquecedor na partilha de conhecimento e valores que estão atrelados aos objetos patrimonializados.

A partir de experiências didáticas de ensino remoto na Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), o artigo “Exposição curricular em tempos de pandemia e ensino remoto: a comunicação museológica frente aos desafios e potencialidades da cultura digital no ensino em Museologia”, da professora Júlia Moraes, mostra os desafios em desenvolver a exposição digital “Pindorama: a natureza não está à venda”, desenvolvida por estudantes e docentes da área de Museologia que criaram ação no âmbito da cibercultura a partir das convergências e interfaces entre o sítio eletrônico, as mídias sociais e as interações com os públicos e colaboradores, a partir de metodologia colaborativa, participação e interação dos públicos e idealização do conceito de exposição digital.

Para contribuir com o debate, foram realizadas entrevistas para o dossiê. O diálogo interdisciplinar entre os campos da Museologia, das Ciências do Patrimônio, da Comunicação e das Tecnologias Digitais e da Sociologia é exercitado nas entrevistas com as professoras doutoras Lucia Santaella e Lucrecia D’Alessio Ferrara e com o professor doutor José Gonzalez. As primeiras com trajetórias acadêmicas e teóricas em estudos interdisciplinares. Em sua entrevista - “Inteligência Artificial, Museus e Patrimônio” -, Lucia Santaella traz relevantes reflexões acerca da Inteligência Artificial (IA) e as transformações tecnológicas em curso que afetam os museus e o patrimônio cultural, englobando questões epistemológicas e sociais. Apresenta recomendações para os estudos críticos que envolvam novas tecnologias cognitivas e da comunicação, abordando tendências de aplicações de IA nos diferentes ciclos e domínios culturais, e discutindo os museus hiperconectados, entre outros enfoques. Sobre a questão epistemológica, enfatiza ainda que “estamos passando por uma revolução que não se restringe ao seu aspecto tecnológico, mas avança para os modos como passamos a conhecer e sentir os variados aspectos da realidade e, conseqüentemente, a experimentar novas visões de mundo e novos modos de agir”. Revolução esta onde “as relações entre o público e o museu é uma das facetas entre muitas transmutações”. Na entrevista com Lucrecia D’Alessio Ferrara - “Museus, espaços e tecnologias digitais” -, a leitura flui, entre outros caminhos, pela importante reflexão sobre o público e os museus. Defende que “uma das maiores e reveladoras categorias epistemológicas do museu, enquanto equipamento da cultura, se refere ao modo de interação com seu público”. Observa que “assim como o museu se transforma com a história, seu público constitui-se de modo distinto e passa por extensas e definitivas mudanças”, como as afetadas pelo digital. Propõe reflexões acerca da relação comunicativa no museu, onde o receptor o “transforma em dispositivo de cultura”, abrindo, assim, outras compreensões sobre o museu por tempos e espaços, diante das transformações urbanas, das tecnologias digitais, e das mudanças em processos interativos, em perspectiva que integra a Museologia e a Comunicação, como áreas científicas equivalentes.

“Cibercultur@: entrevista com o professor Jorge A. Gonzalez” apresenta um diálogo sobre uma concepção original de cibercultur@ tecida a partir

da sua trajetória pessoal e intelectual. Nesta conversa, o professor descreve as diretrizes para a aplicação prática de teorias sociais a partir do confronto entre o uso das tecnologias e as culturas populares. Sua reflexão traz caminhos epistemológicos que abrem possibilidades para uma possível “cibermuseologi@”, uma proposta para reflexão e um convite para a criação de novas experiências neste campo.

Com o panorama que foi tecido neste dossiê, esperamos ter contribuído para que os avanços na área da Museologia atrelada a cultura digital possam encontrar, cada vez mais, espaços de debate e de trocas como os estabelecidos no Fórum de Estudos em Museologia e Cultura Digital (<http://museologiaeculturadigital.com.br/>) que foi criado por nós em 2020, impulsionado justamente por este período de isolamento causado pela pandemia, mas como resultado de debates desenvolvidos em Grupos de Trabalho constituídos no 3º e 4º Sebramus.

As experiências aqui descritas trazem a baila palavras chave de grande importância: autonomia, comunicação, tecnologia, rede, cognição, desafio, partilha, memória revolução, criatividade, inteligência, colaboração, preservação, convergência, interfaces, equalização, diálogo, interatividade, conexão, disrupção e muitas outras em si valiosas que permeiam um conjunto vasto de conhecimentos, investigações e inquietações, expressos nos trabalhos e entrevistas aqui reunidas e são um indicador da necessidade de conectar todo tipo de profissionais; professores, pesquisadores e estudantes interessados em criar conhecimento voltado à aplicação e à democratização do uso de tecnologias digitais em museus.

O objetivo último do nosso trabalho, expresso em parte por este dossiê, é apoiar, adquirir e divulgar conhecimentos que deem suporte às políticas para a apropriação e acesso igualitário e coerente no uso e aplicação das Tecnologias Digitais nas diversas tipologias de espaços museológicos e do patrimônio, as quais, em sua forma atual, sinalizam indícios da situação de exclusão e inclusão de profissionais, regiões, pessoas, grupos sociais e comunidades no trato com o sua memória.

Este dossiê, que aqui apresentamos com alegria e entusiasmo, é mais uma expressão da proposta de trabalho desenvolvida pelo Fórum de Estudos em Museologia e Cultura Digital para a criação de uma rede como espaço de discussão, partilha de produção científica e fontes de referência, notícias e promoção de cursos e outras formas de intercâmbio, aprimoramento e, por que não dizer, reconhecimento e afetividade nesta área específica da Museologia. Subjacente à ideia de rede está o fato de que conexões, reuniões, divulgação, partilha de reflexões e discussões sobre um tema traz o fortalecimento e a solidez de uma cultura de conhecimento com o potencial de transformação social.

Ótimas conexões.